

O Testemunho da Igreja sobre os Dons

Walter J. Chantry

O testemunho de tantos influentes pregadores, teólogos e comentadores na história da Igreja, referente ao desaparecimento dos dons miraculosos da época apostólica, constitui um fato de considerável importância, especialmente quando entre eles houve homens poderosamente usados pelo Espírito Santo para o despertamento de continentes inteiros à fé em Cristo, homens a quem seria impossível acusar de haver entristecido o Espírito Santo.

João Crisóstomo (347-407 d.C.) escreve em seu comentário sobre dons espirituais: “Este lugar está completamente obscuro; mas a obscuridade provém da nossa ignorância dos fatos referidos e por sua cessação, sendo que os que então ocorriam, agora já não acontecem” (*Homilias sobre 1 Coríntios*, vol. XII – Os Pais Nicenos e Pós-Nicenos).

Agostinho (354-430 d.C.) escreve: “No período primitivo, o Espírito Santo caiu sobre os que criam; e falavam em línguas que jamais haviam aprendido, ‘como o Espírito Santo lhes concedia que falassem’. Eram sinais, adaptados a essa época. Precisava haver aquela evidência do Espírito Santo em todas as línguas, mostrando que o evangelho de Deus havia de correr através de todas as línguas sobre a terra. Aquilo foi feito como evidência e então passou” (Dez Homilias sobre a Primeira Epístola de João, vol. VII, Os Pais Nicenos e Pós-Nicenos, vol. VI, 10).

Thomas Watson escreve em 1660: “com plena certeza, há tanta necessidade de ordenações hoje como nos tempos de Cristo e dos apóstolos, já que naquele período havia dons extraordinários na Igreja que atualmente cessaram” (*As Bem-aventuranças*, p. 14).

John Owen escreve em 1679: “Os dons que por sua própria natureza excedem a plenitude do poder de todas as nossas faculdades, há muito tempo cessaram nesta dispensação do Espírito e onde quer que alguém atualmente tenha pretensão ao mesmo, tal pretensão justamente pode ser vista com suspeita, como engano farsante” (*Obras*, vol. IV, p. 518).

Matthew Henry escreve em 13 de Julho de 1712: “O dom de línguas foi um novo produto do espírito de profecia e era outorgado por uma razão particular, para que, a paliçada judaica sendo removida, todas as nações pudessem ser incluídas na Igreja. Estes e outros dons de profecia, sendo um sinal, há muito cessaram e foram postos de lado e não temos motivo algum para esperar que revivam; mas, pelo contrário, nos é ordenado considerar as Escrituras, a *palavra profética mais segura*, mais segura que vozes do céu; e a elas é que temos a exortação de estar atentos, esquadrinhá-las e retê-las (2Pedro 1:19)” (Prefácio ao vol. IV de sua *Exposição do Velho e Novo Testamentos*).

Jonathan Edwards escreve em 1738 que os dons extraordinários “foram dados para fundamentar e estabelecer a Igreja no mundo. Mas uma vez que o cânon das Escrituras foi completado e a Igreja Cristã plenamente fundada e estabelecida, esses dons extraordinários cessaram” (*Caridade e Seus Frutos*, p. 29).

George Whitefield, devido a seu freqüente testemunho sobre a Pessoa e o poder do Espírito de Deus, foi acusado de “entusiasmo”, por parte de alguns líderes e eclesiásticos e se lhe atribui a crença de que nos dons carismáticos e apostólicos haviam sido revividos. Esta crença foi negada firmemente por Whitefield: “Nunca pretendi possuir essas operações extraordinárias de fazer milagres ou de falar em línguas” (Resposta ao bispo de Londres – *Obras*, vol. IV, p. 9). Por falar em não distinguir a obra ordinária da extraordinária do Espírito e por considerar que *ambas* haviam cessado, ele culpa o bispo e o clero de Lichfield e Coventry, “os quais consideram a habitação interior do Espírito e seus testemunho interno, a pregação e a oração pelo Espírito, entre os dons carismáticos, os dons miraculosos conferidos à Igreja Primitiva, os quais há muito tempo deixaram de existir” (Segunda carta ao bispo de Londres – *Obras*, vol. IV, p. 167). Os amigos de Whitefield também o defenderam da mesma falsa acusação. Joseph Smith, por exemplo, pastor congregacional em Carolina do Sul, declarou a respeito do evangelho inglês: “Ele renunciou qualquer pretensão de possuir os poderes extraordinários e sinais de apostolicidade, peculiares à época de inspiração e extintos com ela” (*Prefácio a Sermões sobre Assuntos Importantes*, Goerge Whitefield, 1825, cap. 25).

James Buchanan escreve em 1843: “Os dons milagrosos do Espírito há muito tempo foram retirados. Foram usados para cumprir um propósito temporário. Foram empregados como andaime que Deus empregou para construção de um templo espiritual. Quando o andaime não era mais necessário, foi removido, mas o templo ainda permanece de pé e é habitado pelo Espírito, porquanto “Não sabeis que sois templos de Deus, e que o Espírito de Deus mora em vós” – 1Coríntios 3:16) (*O Ofício e a Obra do Espírito Santo*, pág. 34).

Charles Haddon Spurgeon em vários sermões apresenta este mesmo ponto de vista: “Os apóstolos”, pregava ele, “foram homens escolhidos como testemunhas porque pessoalmente haviam visto o Salvador, um ofício que necessariamente desaparece, e apropriadamente, porque o poder miraculoso também se retira” (*Púlpito do Tabernáculo Metropolitano*, 1871, vol. 17, pág. 178). Novamente: “Ainda que não possamos esperar nem necessitamos desejar os milagres que acompanharam o dom do Espírito Santo, no aspecto físico, ainda podemos, no entanto, desejar e esperar o que foi tencionado através deles e podemos confiar que veremos semelhantes maravilhas espirituais operadas entre nós nestes dias” (Idem, 1881, vol. 27, pág. 521). E outra vez: “As obras do Espírito Santo que hoje são concedidas à Igreja de Deus são em todo o sentido tão valiosas como aqueles dons milagrosos anteriores que desapareceram de nossa presença. A operação do Espírito Santo, mediante a qual se concede a vida aos homens mortos em seus pecados, não é inferior ao poder que capacitou os homens a falarem em línguas” (Idem, 1884, vol. 30, pág. 386).

Robert Dabney escreve em 1876 que logo que a Igreja Primitiva foi estabelecida “já não existia a mesma necessidade de “sinais” sobrenaturais e Deus, que não

costuma dissipar Seus expedientes, as retirou. Desde então, a Igreja teria que conquistar a fé do mundo mediante seu exemplo e o ensino apenas, fortalecida pela iluminação do Espírito Santo. Finalmente, os milagres, se fossem transformados em ocorrência comum, deixariam de ser milagres e seriam considerados pelos homens como fato corriqueiro” (“A Prelazia, um erro” – *Discussões Evangélicas e Teológicas*, vol. 2, págs. 236-237).

George Smeaton escreve em 1882: “Os dons sobrenaturais ou extraordinários foram temporais e haviam de desaparecer quando a Igreja estivesse fundada e o cânon inspirado das Escrituras concluído, pois eles foram uma prova externa de uma inspiração interna” (*A Doutrina do Espírito Santo*, pág. 51).

Abraham Kuyper escreve em 1888: “Muitos dos dons carismáticos, outorgados à Igreja apostólica, não são de utilidade para a Igreja hoje” (*A Obra do Espírito Santo*, ed. ing. de 1900, pág. 182).

W. G. T. Shedd escreve também em 1888: “Os dons sobrenaturais de inspiração e milagres que os apóstolos possuíram não continuaram com os seus sucessores ministeriais, posto que já não eram mais necessários. Todas as doutrinas do cristianismo haviam sido reveladas aos apóstolos e entregues à Igreja de forma escrita. Não havia mais necessidade de uma inspiração infalível posterior. E as credenciais e autoridade conferidas aos primeiros pregadores do cristianismo através de atos milagrosos, não exigiam repetição contínua de uma época e outra. Um período de milagres devidamente autenticados é suficiente para estabelecer a origem divina do evangelho. Num tribunal humano, não é necessário uma seria indefinida de testemunhas. “Por boca de duas ou três testemunhas”, os fatos se estabelecem. O caso que foi decidido não será reaberto” (*Teologia Dogmática*, vol. II, 369).

Benjamin B. Warfield escreve em 1918: “Estes dons não foram possuídos pelo cristão da Igreja Primitiva como tal, nem pela Igreja apostólica ou a era apostólica por si mesmas; tais dons foram distintivamente autenticação dos apóstolos. Constituíram parte das credenciais dos apóstolos em sua qualidade de agentes autorizados de Deus para fundar a Igreja. Sua função, portanto, os delimitou à Igreja apostólica, de maneira distintiva, e necessariamente desapareceram com ela” (*Milagres Falsos*, pág. 6).

Arthur W. Pink escreve num livro que apareceu em 1970: “Assim como houve ofícios extraordinários (apóstolos e profetas) no início da nossa dispensação, também houve *dons* extraordinários; e como não houve sucessores designados para esses ofícios extraordinários, tampouco houve intenção de continuar esses dons extraordinários. *Os dons dependiam dos ofícios*. Não temos mais os apóstolos conosco e por conseguinte os dons sobrenaturais, a comunicação dos quais constitui parte essencial dos “sinais de um apóstolo” (2Coríntios 12:12), estão ausentes” (*O Espírito Santo*, pág. 179).

Fonte: *Sinais dos Apóstolos*, Walter J. Chantry, Editora PES, pág. 129-134.